



COEB 2014
CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA
*Educação Integral
e Tempo Integral:
da Educação Infantil
ao Ensino Fundamental*



CULTURA INDÍGENA NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE CURRÍCULO INTEGRADO

Ricardo Pinho - maresertao@gmail.com

Rose de Fátima Pinheiro de Aguiar e Silva - rfpasilva@hotmail.com

Simone Ribeiro

Currículo

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto,
o tédio, o nojo e o ódio.
(Carlos Drummond de Andrade)

A experiência pedagógica que realizamos na EBM Batista Pereira, no ano de 2013, sustentara-se fundamentalmente em uma consideração teórica: a de que a educação deve servir à cultura na mesma medida que esta precisa servir à vida; e uma consideração metodológica: a de que quanto maior for a articulação e a organização entre os diferentes agentes implicados no processo educativo, maiores serão as chances de se alcançar resultados satisfatórios.

Consideramos que toda cultura é formada a partir das soluções encontradas por uma sociedade para resolver os problemas que lhe são colocados ao longo da sua existência coletiva. Neste sentido, cultura é um conjunto de saberes e práticas a partir dos quais um povo torna-se apto para a vida; é o conjunto dos meios e saberes criados, assimilados, aprendidos, para se relacionar com o mundo e com a vida nos seus mais diversos aspectos: alimentação, vestuário, moradia, trabalho, comunicação etc. O ser humano, mais do que qualquer outro animal, tem necessidade desses saberes, que são elaborados em sua vivência coletiva e transmitidos de geração a outra através da educação.

A educação, assim entendida, extrapola em muito o espaço escolar e atinge a totalidade da vivência social do educando. Cada gesto, ação ou palavra que uma criança presencia contribui de uma forma ou outra, voluntariamente ou não, para a sua formação e, neste sentido, constitui-se em parte integrante do seu processo educacional.

Por muito tempo, e ainda hoje em muitas sociedades, a educação é realizada assim, de forma espontânea e fora de qualquer instituição especializada. As sociedades indígenas do Brasil nos dão bons exemplos desse relacionamento íntimo entre ensino, cultura e vida. No documentário “Xingu: a terra mágica”, dirigido pelo jornalista Washington Novaes e exibido pela Rede Manchete em 1985, impressiona a maneira natural, suave e, acima de tudo, livre, como uma criança indígena aprende a ser um adulto plenamente apto para a vida. Essa criança precisará aprender muitas coisas ao longo de sua vida: dominar sua língua e o espaço onde vive, conhecer as histórias, mitos e tradições da sua tribo, produzir tudo o que vai usar no seu dia a dia, desde os utensílios mais simples até as suas próprias casas, precisa conhecer a floresta, caçar, pescar, plantar, prevenir-se dos perigos, conhecer os cantos, as danças, preparar e participar dos diversos rituais, enfim. E todo esse aprendizado acontece naturalmente, sem que para isso precise-se de qualquer instituição especializada no ensino ou na educação dos índios. Sua escola é a própria aldeia e seu entorno; seus professores são todos os membros da tribo, especialmente os mais velhos; seu tempo de estudo se confunde com o tempo da própria existência: aprende-se a caçar, caçando com os mais velhos; aprende-se a dançar e cantar, a produzir um arco ou construir uma casa, da mesma maneira; conhecem-se as histórias ouvindo-se os adultos contarem-nas uns para os outros em momentos de confraternização coletiva e ali se aprende a respeitar e admirar a vasta sabedoria acumulada pelos anciãos...

E aqui nos perguntamos: o que é, senão isto, uma educação integral e um currículo integrado?

Mas não é apenas nas sociedades indígenas das florestas brasileiras que podemos encontrar semelhante concepção do ato de educar. Este modelo de educação, simples e sofisticado a um só tempo, é típico das sociedades tradicionais em geral. Mas não só delas. Em sua obra monumental “Paidéia: a formação do homem grego”, Werner Jaeger nos revela a impressionante coesão do “projeto” educativo dos antigos gregos, cuja síntese pode estar representada na própria palavra empregada para designar a obra: *paidéia*. Palavra que encerra um conceito amplo e difícil de ser apreendido pelo homem moderno, habituado à compartimentação e à fragmentação, mas que o autor procura esclarecer logo em sua introdução, advertindo que, para compreendê-la:

Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os Gregos entendiam por

paidéia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global, e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma vez. (JAEGER, 1995, p.1)

O grande diferencial da educação grega, compreendida no conceito de *paidéia*, teria sido não um *método* ou *modo* de educar, mas antes uma compreensão coletiva sobre o *que* se desejava com a educação. Trata-se de uma consideração ideal de homem que seria perseguida e estaria representada nas mais diferentes áreas de criação e atuação do espírito grego, como a literatura, a oratória, a arquitetura, a escultura, a legislação, a política e a filosofia. Teriam construído, os gregos, em torno deste ideal de homem, ao longo de séculos a fio, toda uma unidade cultural e estilística que foi capaz de sobrepujar a fragmentação política, as guerras constantes e toda uma série de transformações históricas de todas as ordens e nas mais diferentes cidades-estados.

A tal ponto chegara a obstinação dos gregos pelo seu ideal de educação que um homem poderia ser condenado a ingerir cicuta por contrariar esse ideal. Sabemos o final dessa história: Sócrates, mesmo morto, acabou vencendo. Mas, não é curioso se observar que a vitória da filosofia socrática coincide exatamente com o declínio da civilização grega?

As experiências educacionais dos gregos antigos e dos índios do atual Brasil, por diferentes que sejam entre si, têm em comum pelo menos dois fatores importantes: 1º) ambas nascem no seio de uma comunidade de destino, de um grupo ciente de sua identidade coletiva, da qual se orgulha e pela qual se distingue dos seus vizinhos; 2º) ambas tem clareza do que desejam com os seus procedimentos educativos e o perseguem ou perseguiram por gerações sucessivas.

Tais experiências podem nos servir de parâmetro para avaliar a situação do nosso sistema educacional, evidenciando problemas e oferecendo alternativas. Por superficial que seja esta breve análise e por limitadas que possam ser as ações adotadas dentro dos limites de uma unidade escolar, ainda assim, essas considerações lograram servir de base e estímulo para a realização da experiência que passamos a relatar.

Nosso objetivo, inicialmente, era propor um estudo sobre as matrizes culturais que formam a base da cultura brasileira: africanos, europeus e indígenas. Na justificativa do projeto encaminhado à supervisão escolar, dizíamos:

A lei 10639/2003 alterou a LDB para tornar obrigatório, nos currículos de educação básica brasileira, a inclusão da história e da

cultura afro-brasileira. Esta lei foi alterada, em 2008, pela lei 11645, que acrescentava a obrigatoriedade de se trabalhar nas escolas a história e a cultura dos povos indígenas. Estas leis chegam com bastante atraso, mas, de qualquer maneira, vêm corrigir uma trágica distorção histórica que as escolas vêm reproduzindo ao longo do tempo: a obliteração da contribuição de índios, africanos e afrodescendentes para a história do Brasil.

Acreditamos, com esse projeto interdisciplinar, poder não só atender as determinações prescritas na lei mas, principalmente, contribuir para que nossos estudantes possam conhecer, entender e valorizar a contribuição dos diferentes povos, especialmente africanos e ameríndios, para formação da sociedade e da cultura brasileiras.

Em função de uma série de contratempos ocorrida no início do ano, não foi possível levar a cabo tudo o que pretendíamos inicialmente. As partes referentes às contribuições de africanos e europeus ficaram comprometidas, sendo que apenas o conteúdo dedicado à contribuição indígena foi concluído por todas as disciplinas envolvidas no projeto. Por esta razão, o relato que segue estará centrado especificamente neste tema.

Realizamos, portanto, no ano de 2013, na Escola Básica Municipal Batista Pereira, em Florianópolis, uma experiência de currículo integrado com duas turmas de sexto ano, cujo tema central foi “As matrizes da cultura brasileira”, sendo que o presente relato, pelas razões acima apresentadas, estará focando apenas a parte referente à contribuição indígena, tendo sido dado enfoque especificamente a quatro etnias: Guarani, Krenak, Pataxó e Suruí. Foram envolvidos nove professores e cinco disciplinas: Música, Geografia, Língua Portuguesa, História e Ciências, sendo que foram utilizados o Laboratório Escolar de Ciências e a Sala Informatizada. O objetivo foi inserir os alunos no universo da cultura indígena de uma forma ampla, proporcionando que fossem feitas “pontes” entre as diversas áreas do conhecimento que abordaram o tema de forma integrada. Pretendíamos ainda promover três ações que julgamos de fundamental importância em uma educação voltada para a cidadania e a pluralidade cultural: conhecer, respeitar e valorizar.

A ideia de realizar esta experiência surgiu em um encontro entre amigos, no início do ano, em um ambiente bem pouco ortodoxo: uma mesa de bar. Ali o projeto começou a ser delineado, levando a uma posterior reflexão inspirada na frase atribuída ao poeta e boêmio Vinícius de Moraes, cujo centenário de nascimento ocorria nesse ano de 2013: “Todo homem nasce com uma defasagem de duas doses”.

O sentido que viríamos a interpretar nessas duas doses encaixava-se em alguns sentimentos que compartilhávamos de forma latente quando pensávamos o contexto vigente na área da educação. Uma dose representa a loucura, a breve loucura provocada pela embriaguez. A loucura enquanto forma de abalar o senso de realidade, gerar uma certa dose de irresponsabilidade e de atitude visionária, que permite pensar o impossível e o improvável; ou seja: pensar para além do que é lógico, normal, previsível. A outra dose é a que vai abalar aquela que, segundo relatos, era o grande fantasma de Vinícius: a solidão. É a dose que vai ativar o nosso lado social, descontraído e amistoso. É aquela que está presente em toda reunião de amigos, nos churrascos, aniversários, comemorações em geral, que faz a individualidade ceder espaço para um sentimento maior, de confraternização, de união, de comunhão com um grupo. E foi assim, com uma dose de confraternização e vontade de conviver, trabalhar em grupo, e outra dose de loucura, de desejo pelo novo, pela incerteza, que iniciamos este projeto.

Após este primeiro encontro, que envolvera ainda apenas dois professores, a ideia inicial foi amadurecendo e ganhando consistência, até ser apresentada em um seminário de planejamento na escola, organizado pela equipe pedagógica. Ali, a ideia inicial já havia se desenvolvido em um projeto, com objetivos e justificativa, que foi apresentado aos demais professores. Após a adesão de vários desses professores, foi organizada a nossa primeira reunião coletiva de planejamento. Cada professor acrescentou em seu planejamento anual a execução do projeto e sua contribuição para que a cultura indígena pudesse ser abordada da forma mais integrada possível. Assim foram sendo definidas e aperfeiçoadas as propostas de trabalho em cada disciplina nas várias reuniões que se seguiram durante o ano letivo.

Em História foi trabalhado o povoamento da América, as primeiras tradições culturais no território brasileiro, as sociedades indígenas do Brasil, os aspectos sócio-econômicos, políticos e culturais das etnias Guarani, Krenak, Suruí e Pataxó.

Nas aulas de Música foram trabalhados cantos de cada etnia, seu significado e a pronúncia em seus respectivos idiomas. Foram pesquisados os instrumentos musicais característicos das sociedades indígenas e sua importância nos rituais sagrados e no cotidiano das tribos. Foram executadas também na flauta doce, as melodias das canções com os acompanhamentos no violão e nos instrumentos de percussão.

Em Geografia foi trabalhada a localização espacial de algumas das comunidades indígenas com a confecção de mapas e a importância do território para continuidade das nações indígenas. Foi discutida a categoria “trabalho” nas sociedades indígenas e como

é a organização dessas sociedades. Foram trabalhados alguns dos elementos indígenas na cultura brasileira como alimentação e vocabulário.

Em Português foi trabalhado o gênero discursivo mito (relato mítico): estudo e leitura de mitos indígenas. Foi realizada uma breve pesquisa sobre hábitos culturais, línguas e localização das sociedades indígenas com o intuito de contextualizar e facilitar a compreensão dos mitos selecionados. Foi elaborado um resumo de mitos indígenas e uma adaptação desses mitos para o gênero discursivo “história em quadrinhos”.

Em Ciências foram feitas experiências práticas no laboratório da escola com a extração de pigmento vegetal, sendo dado enfoque na importância etnobotânica da planta *Bixa olerana*, conhecida popularmente por urucum e amplamente utilizada em rituais de imagem e pintura corporal por inúmeras etnias indígenas. Também foi realizada a simulação de um ritual de imagem, com criação de arte gráfica, utilizando conceitos etnomatemáticos para a pintura corporal e caracterização dos alunos nas apresentações musicais.

Em Matemática foi realizado um estudo da arte gráfica, utilizando conceitos etnomatemáticos para a pintura corporal e caracterização dos alunos nas apresentações musicais.

Complementando todo o trabalho e oferecendo suporte para os demais professores, a professora da sala informatizada fez todos os registros do trabalho com filmagens e fotos e espaço para as pesquisas realizadas pelos alunos nas diversas disciplinas envolvidas.

Após alguns meses do início do projeto, começamos a organizar encontros multidisciplinares em que as duas turmas eram reunidas em uma mesma sala de aula, com a participação de todos os professores, para que os conteúdos trabalhados em cada disciplina pudessem ser socializados, vivenciados e reconhecidos por todos os agentes envolvidos. Organizamos uma sequência pedagógica para apresentação, mesclando poemas, textos, imagens, mitos, cantos, pintura corporal, buscando construir uma verdadeira teia de conhecimentos, um entrelaçamento, visando a integração de tudo o que foi estudado e discutido ao longo do processo.

Organizamos estes encontros interdisciplinares de forma que os alunos das duas turmas dos sextos anos permanecessem em uma mesma sala de aula num período correspondente a três aulas, com a presença de todos os professores participantes do projeto. Nestes encontros, os trabalhos produzidos pelos alunos nas diferentes disciplinas foram organizados na forma de uma apresentação que visava integrá-los de

maneira clara e didática. Professores, alunos e equipe pedagógica participaram ativamente destes encontros, atuando e dando sugestões para que o resultado pudesse ser otimizado. A participação desses diferentes agentes criou momentos de interação, de parceria, de solidariedade e de harmonia, dignos de registro neste artigo. Citando Morin (2002, p.36), “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido”. A idéia da contextualização requer a intervenção do estudante em todo o processo de aprendizagem, fazendo as conexões entre os conhecimentos. Trabalhando os contextos que tenham significado para o aluno e possam mobilizá-lo a aprender, acredita-se que ele tenha um envolvimento não só intelectual, mas também afetivo.

Um processo deste tipo, novo para todos os agentes nele envolvidos, apresenta necessariamente uma série de novidades e desafios, que precisam ser enfrentados e superados. Entre as dificuldades encontradas na realização do projeto, podemos destacar duas principais. Uma delas diz respeito ao tempo de planejamento inicial, antes de a proposta ser apresentada para o coletivo da escola. As primeiras reuniões precisaram ser feitas fora do horário de aula, na casa de um dos professores envolvidos ou em algum escritório público ao ar livre, agraciado pelo inspirador pôr de sol do Ribeirão da Ilha.

Claro que essas dificuldades acabaram sendo transformadas em momentos de um trabalho descontraído e prazeroso. Mas, para quem tem as responsabilidades domésticas e familiares para dar conta no terceiro turno, nem sempre é tarefa simples conseguir esses momentos.

A outra dificuldade enfrentada foi mais complexa, pois envolvia muitos agentes e a própria estrutura da escola. Depois que a proposta de trabalho interdisciplinar foi apresentada e teve a adesão de vários professores, precisamos nos reunir para fazer um planejamento coletivo, traçar metas e afinar nossos discursos. Em vários outros momentos houve a necessidade de voltarmos a nos reunir para avaliar a situação de cada disciplina e da evolução do projeto como um todo, trocar ideias e experiências, confirmar ou rever metas e também manter acesa a chama da vontade e da confiança em todos os integrantes do grupo. É importante se observar que quando fazemos um trabalho diferente do habitual, corremos sempre algum risco de nos deixarmos abater pela dúvida, a insegurança, o medo. Em nosso caso, havia sempre a possibilidade de algum professor deixar de lado o projeto e voltar para a sua área de conforto, dentro do seu planejamento habitual. Por esta razão, esses encontros realizados na escola durante o processo de execução do projeto foram estrategicamente fundamentais. À medida que

este projeto voltava a ser debatido periodicamente, cada companheiro relatava as suas experiências positivas, verbalizava suas angústias, dava e recebia sugestões e incentivos e saía da reunião com o ânimo renovado. Depois que os resultados positivos começaram a aparecer, essas dificuldades foram diminuindo mas, até chegar-se a esse ponto, a regularidade dos encontros foi muito importante. Para realizá-los, no entanto, tendo sempre a presença de todos, precisamos contar em primeiro lugar com a disposição do grupo, considerando que alguns professores estariam em sua hora atividade e se deslocariam à escola apenas para participar da reunião. Por outro lado, os professores que não estivessem em hora-atividade, estariam em seu horário de aula. Como, então, reunir o grupo inteiro se haveria sempre uma parte dos professores em sala de aula? Entrou aí a participação decisiva da equipe pedagógica e da direção da escola que, acreditando na importância e viabilidade da proposta, empenharam-se em dar o suporte necessário para que as reuniões acontecessem, seja informando todos os professores envolvidos sobre as datas dos encontros, seja articulando junto aos auxiliares de ensino para cobrir a ausência momentânea desses professores em algumas turmas.

As dificuldades, no entanto, fazem parte de qualquer processo e é no esforço dedicado para superá-las que vamos crescendo enquanto profissionais e mesmo enquanto seres humanos. Na medida em que conseguimos ir superando os desafios que aparecem, os resultados não tardam a aparecer. Um dos resultados positivos que puderam ser verificados durante a execução do projeto foi a modificação de certas atitudes por parte dos alunos. As mudanças atitudinais são em geral um tanto difíceis de se observar na prática e quando ocorrem de forma visível proporcionam uma satisfação singular a nós professores. Este tipo de mudança pôde ser observado em pelo menos um caso: o estranhamento e até, poderíamos dizer, um certo constrangimento por parte dos alunos, em relação à nudez dos índios.

Em certa etapa do projeto, os alunos teriam aulas no laboratório da escola sobre as pinturas corporais dos índios e, naturalmente, viriam imagens de índios sem nenhuma roupa e com os seus corpos pintados. Aconteceu, por esta ocasião, um fato curioso. Das duas turmas em que o projeto estava sendo aplicado, uma delas já havia tido aulas sobre este aspecto da cultura indígena, a outra turma ainda não. Quando a professora do laboratório levou a primeira turma para dar a sua aula sobre as pinturas corporais e apresentou as imagens de índios nus com os corpos pintados, a aula fluiu normalmente, tendo-se observado a atenção e o interesse dos alunos voltados especificamente para o tema da aula. Inadvertidamente, a professora levou, em outro momento, a segunda

turma para aplicar a mesma aula. Assim que as imagens de índios nus foram mostradas, o alvoroço foi geral e só pôde ser contido com muito esforço. A professora não sabia, mas esta turma ainda não havia tido as aulas de contextualização pela qual a outra já havia passado. O resultado foi que uma nova aula precisou ser marcada no laboratório com esta mesma turma que, só então, já devidamente preparada e orientada para entender e respeitar este traço cultural dos povos indígenas, pôde concentrar-se especificamente no tema da aula.

Refletindo ao final do ano letivo sobre o trabalho realizado, chegamos à conclusão de que, para além das apresentações que os alunos fizeram, cheios de motivação - com seus rostos pintados, seus poemas declamados, seus mitos, suas imagens, seus cânticos, seus tambores, o som de suas flautas, maracás, caxixis... - houve também um crescimento de toda equipe com essa experiência.

Para nós professores, foi fundamental presenciar a cada aula a motivação e o entusiasmo com o tema da cultura indígena, tão discriminado, tão distante de nossa realidade urbana e egoísta. Ver nossos alunos pesquisando, assistindo documentários, cantando, tocando, pintando seus corpos, fazendo experiências com plantas e ervas medicinais com respeito e com resposta, nos mostra um caminho a seguir.

A possibilidade de diálogo e de trocas entre os professores, tão necessárias e escassas em nossas grades curriculares fechadas em seus horários, nos mostrou como pode ser enriquecedor romper com o individualismo, do cada um por si, driblando a estrutura vigente.

Nossa avaliação é que essa experiência de integração de currículo não seja uma atitude somente de um grupo de professores com algumas turmas, que se torne uma atitude da escola perante o conhecimento e o aprendizado de todos os seus alunos e profissionais. Que o planejamento seja elaborado como um todo, rompendo com a solidão e a fragmentação do conhecimento, como nos fala Morin:

“O conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. É o problema universal de todo cidadão do novo milênio: como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-las e organizá-las? Como perceber e conceber o Contexto, o Global (a relação todo/partes), o Multidimensional, o Complexo? Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento. Entretanto, esta reforma é paradigmática e, não, programática: é a questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento. A esse

problema universal confronta-se a educação do futuro, pois existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários” (MORIN, 2002, p.35).

Esta experiência nos permite avaliar que a temática indígena, atuando como linha norteadora entre diferentes disciplinas e espaços da escola, contribuiu efetivamente para que os estudantes e também os professores, pudessem conhecer, respeitar e valorizar as culturas indígenas, percebendo suas peculiaridades e diversidade como peças de um rico e variado tesouro, que caracteriza a cultura brasileira como um todo.

Referências bibliográficas

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2002.

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos*. Rio de Janeiro: Verus Editora, 2005.

NOVAES, Washington. *Xingu: a terra mágica*. Documentário apresentado pela Rede Manchete em 1985.